



Maré de Lua

Guaraqueçaba, Ilha Rasa, Almeida, Ponta do Lanço, Mariana, Medeiros, Vila das Peças, Bertioga e Barra do Arapira

Ano II • Nº 4 • Junho de 2005

EDITORIAL

Diálogo e integração

As páginas centrais desta edição do jornal Maré de Lua retratam a história da chegada da água em Ilha Rasa. Por trás do esforço para atender um anseio histórico – e extremamente necessário – dos moradores da ilha, há algo que nem sempre é lembrado mas que tem grande importância: o diálogo. Ele facilita o consenso e promove a união de várias partes em torno de uma idéia. E assim foi, em 1997, quando moradores de Mariana, Vila de Almeida, Ponta do Lanço e Ilha Rasa se uniram com instituições como a Prefeitura de Guaraqueçaba, Funasa, Sanepar, Emater, Unibanco, The Nature Conservancy, Fundação Vitaec, além da SPVS. Evidentemente, todas essas instituições não trabalham com o mesmo objetivo em seu cotidiano. Porém, a vontade de se levar água até Ilha Rasa para ajudar a melhorar a qualidade de vida de seus moradores foi um motivo que integrou todos e os fez enxergar que a causa tinha relação com os objetivos do trabalho de cada um. O consenso entre as partes só foi possível pelo fato de todos entenderem a necessidade de conversar e enxergar que o objetivo comum poderia ser alcançado, desde que cada um fizesse sua parte. Sem diálogo, nada disso teria acontecido e, talvez, as comunidades de Ilha Rasa ainda hoje vivessem sem uma infra-estrutura tão básica como é a rede que traz água do continente.

Vale ressaltar que as boas condições ambientais da APA de Guaraqueçaba e a necessidade de se proteger suas áreas nativas também são fatores que motivam o atendimento de anseios de suas comunidades. Hoje, temos um outro bom exemplo de quanto o diálogo é importante e benéfico. Desde 2003, funciona o Conselho da APA de Guaraqueçaba – um grupo, de 32 pessoas, que conta com representantes de todos os segmentos (moradores e instituições) que vivem ou atuam na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba. Sob a coordenação do Ibama, o Conselho está construindo uma história de êxito, em que várias partes – muitas vezes tidas como contrárias umas a outras – se colocam a dialogar, a dizer o que pensam e a ouvir o outro, promovendo um exercício maduro que levará à compreensão e ao entendimento. Caminhando assim, o Conselho da APA vai se fortalecendo, afirmando sua responsabilidade de ser uma voz firme dos anseios da região e conquistando autoridade de fato e de direito. Mais do que isso, o grupo vai dando o exemplo de que o diálogo significa boa vontade, capaz de promover muitas mudanças balizadas pelo respeito à Lei e pelo respeito aos interesses coletivos da sociedade. ■

Clóvis Borges
Diretor executivo da SPVS

Água e saúde para a ilha



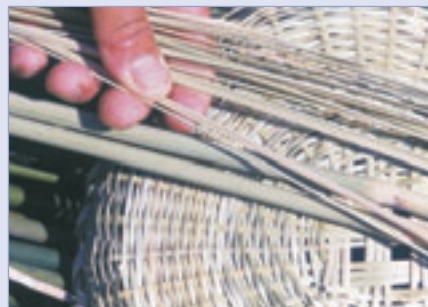
Até 1997, água encanada não existia na Ilha Rasa. Eram tempos difíceis, em que os moradores de quatro comunidades viam sua qualidade de vida comprometida pela falta de acesso a esse bem fundamental para saúde e vida de cada um. Para solucionar esse problema, o caminho foi a união de moradores e várias instituições conforme mostra a reportagem especial desta edição do Maré de Lua. Na Ilha das Peças, uma história parecida também é relatada.

Confira nas páginas 4, 5 e 6

Projeto
Técnicos analisam
esforços para
proteger o chauá



PÁGINA 3



Artesanato
Mulheres de
Medeiros produzem
cestarias

PÁGINA 7

Cultura
Quando o assunto
é teatro, Guaraqueçaba
é destaque



PÁGINA 8

Uma história de pescador

Pescador adora contar histórias. Um inventadas, outras nem tanto. Outras verdadeiras como esta. É claro que essa história, ou melhor, esse fato aconteceu em Guaraqueçaba. Terra de pescadores. E dos bons! Gente que entende de peixe e de pescarias. Afinal, são profissionais e não precisam ficar contando lorotas para ninguém. Antes vamos apresentar nosso pescador. Albertino Barbosa. Pai da dona Dorli do Restaurante, sogro do seu Neviton, avô do Luciano, bisavô do André... Uma família graaande! Você, leitor, pode não conhecer seu Albertino, mas em Guaraqueçaba todos o conheceram.

Seu Albertino tinha um sonho. Aliás, sonho de todo pescador. Pescar o maior peixe de sua vida. E por muito que pescasse peixe grande, não ficava contente. Ainda não era o peixe que queria. Interessante que seu Albertino dizia que, no dia em que pegasse o maior peixe de sua vida, morreria feliz. Os anos se passaram e o sonho de seu Albertino não acabou. Crescia. E ele continuava a dizer: “No dia em que pescar o maior peixe da minha vida, morrerei feliz”.

Quando seu Albertino já tinha sessenta e dois anos de idade, ao verificar o espinhel que tinha fundado na véspera, levou um choque. Tinha um peixe grande fígado. Pela força do bruto era dos grandes. Mas grande de verdade. Força daqui, força dali, e o peixe brigando. Dessa vez, venceu o pescador. E seu Albertino embarcou em sua canoa um badejão. Mas não um badejão qualquer. Era o maior peixe de sua vida. O badejão pesou cento e sessenta e dois quilos.

Guaraqueçaba inteira veio ver o maior peixe da vida de seu Albertino. Até hoje existe uma foto, castigada pelo tempo, lá no Restaurante Barbosa. Seu Albertino e o peixe. Maior que ele. Quem não acreditar, é só ir lá conferir ou ver a reprodução que está aqui ao lado. Esse fato aconteceu no dia 16 de novembro de 1980.



O pescador Albertino e o badejo de 172 quilos: sonho realizado

No mesmo dia em que o estimado senhor Albertino faleceu. ■

Fato verídico, de conhecimento público em Guaraqueçaba, narrado pela filha do Sr. Albertino, Dorli Curi Barbosa, e por seu genro, Neviton Pereira da Silva.

NOTAS

- Guaraqueçaba, o mais antigo município do Paraná, celebrou 460 anos de fundação no último dia 11 de março. Para comemorar, a prefeitura da cidade organizou uma grande festa de 4 dias na Praça William Michaud. O evento contou com ato solene, desfile de escolas, competições esportivas, manifestações culturais e shows com bandas. Durante as festividades, os guaraqueçabanos que vivem nas ilhas e nas comunidades rurais se deslocaram para festejar na sede do município. A cidade também recebeu muitos turistas, destacando os barcos que atracaram no trapiche e um grupo de mais de 300 motoqueiros vindos de Paranaguá.

- Um dos acontecimentos das festividades do aniversário de Guaraqueçaba foi uma homenagem prestada ao morador Eraldo Manoel do Nascimento. Pertence a ele a criação da primeira e única bandeira do município. Em 1977, Eraldo venceu o concurso promovido pela prefeitura para a criação da bandeira de Guaraqueçaba. Em 1978, após reconhecimento da Câmara de Vereadores, sua obra passou oficialmente a ser o símbolo da cidade.

EXPEDIENTE *Maré de Lua* é uma publicação semestral, destinada a comunidades da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba onde atuam o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa e o Projeto de Apoio à Conservação do Entorno do Parque Nacional do Superagüi. **Coordenação Editorial:** Ricardo Gomes Luiz (CONRERP 3306 SP/PR) **Redação:** Juliane Bazzo (Registro Profissional 05341 / DRT-PR) e Ricardo Gomes Luiz **Fotos:** Zig Koch **Projeto Gráfico e Diagramação:** Celso Arimatéia **Ilustrações:** Fósforo Design **Conselho Editorial:** Elenise Sipinski (Tise) - Bióloga coordenadora do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, Ivair Pereira de Siqueira - Funcionário do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, Liz Buck Silva - Engenheira Florestal e Educadora Ambiental da SPVS, Wilson Nunes de Souza - Professor consultor da SPVS. **Impressão:** Gráfica O Estado do Paraná. **Tiragem:** 5.000 exemplares.



Rua Gutenberg, 296 - CEP: 80420-030 - Curitiba - Paraná - Tel. / Fax: (41) 3242-0280
www.spvs.org.br - e-mail: papagaio@spvs.org.br

Apoio:



Amor pelos passarinhos

Cuidar de passarinhos com carinho e respeito. Essa não é nenhuma obrigação de sua profissão, mas é um exercício que **Edson Custódio**, o Dedeco, faz com prazer ao redor de sua morada, na comunidade de Bertioga, na Baía de Pinheiros, no litoral norte do Paraná. Dedeco tem 44 anos, nasceu ali mesmo, morou mais de 10 anos em Paranaguá e voltou novamente ao seu berço. Atualmente ele é presidente da Associação de Moradores de Bertioga.

Seu amor pelos pássaros vem de longe, e no ano passado teve um momento especial. Pela primeira vez em Bertioga, Dedeco observou a “visita” de um casal de joão-de-barro (espécie raramente vista por lá). Ele acompanhou a construção do primeiro ninho, que o macho fez com muito esmero, levando a terra do chão de pouquinho em pouquinho em seu bico para dar forma ao abrigo que acolhe a fêmea. Um desaviso causou insucesso à construção: sem saber que o solo arenoso de Bertioga não dava rigidez nas paredes do ninho, o casal de joão-de-barro viu sua moradia se desfazer tão logo veio chuva um pouquinho mais forte.

A ave insistiu e reconstruiu o ninho com a mesma matéria-prima inconsistente. De novo, o clima roubou-lhe a morada. Na terceira vez, Dedeco se inquietou e decidiu dar uma mãozinha. Da comunidade de Barbados, que fica na outra margem da baía, ele trouxe barro de terra mais firme, de tom amarelado. Ansioso, Dedeco assistiu à aprovação do joão-de-barro para o novo material e o viu construir a nova casa, desta vez com paredes mais fortes. Mas, mesmo assim, novamente a chuva desfez a casinha e, de tão intensa, causou a morte da fêmea. Desolado, dias depois o macho voou, para longe sem dar pistas para onde foi.

A história é triste, mas só fez fortalecer o interesse que Edson Custódio tem pelos pássaros. Hoje, ele “socorre” canários-da-terra e andorinhas, construindo ninhos de madeira para dar aquela mãozinha para os passarinhos. Em suas contas, já cuidou de mais de vinte – sempre mantendo-os em liberdade, longe das gaiolas. Também ajuda a sensibilizar as crianças, explicando que brincar com as setras (estilingue) pode ferir os bichinhos. Por que tudo isso? “Porque gosto demais dos passarinhos”, afirma ele. ■

Relato escrito com base na narração feita pelo morador de Bertioga



Arquivo SPVS

Técnicos se animam com resultados do trabalho dos últimos anos

Projeto evolui, amadurece e envolve novos pesquisadores

O trabalho que os técnicos da SPVS fazem para proteger o chauá e não permitir que a espécie desapareça da natureza tem evoluído bastante. Nos últimos dois anos, o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa deu passos firmes, graças ao financiamento obtido junto ao Fundo Nacional do Meio Ambiente. Esse apoio trouxe maior segurança ao projeto, ajudou a produzir resultados importantes e está permitindo planejar ações mais consistentes para o futuro.

A estrutura atual do Projeto está dividida em frentes que incluem as ações nos principais locais onde vivem os papagaios-de-cara-roxa no litoral do Paraná, como os censos para verificar o tamanho da população da espécie, a pesquisa e o monitoramento feitos por técnicos e voluntários. Mesmo fora das trilhas na floresta, um outro conjunto de ações também é colocado em prática para colaborar na proteção do chauá. É o que explica a coordenadora do Projeto, a bióloga Elenise Angelotti Sipinski, a Tise, descrevendo a parceria com o Zoológico de Curitiba para tentar reproduzi-lo em cativeiro e até o trabalho administrativo feito no escritório. Ela acrescenta, ainda, as ações voltadas para a comunidade, que incluem a publicação deste jornal, apoio a grupo de teatro e o trabalho realizado com os moradores de Vila das Peças para desenvolver um plano de ecoturismo como fonte de geração de renda. “A gente vê que trabalhar com uma espécie ameaçada de extinção é muito mais complexo. No caso do papagaio, envolve a cultura e história de uma região inteira. E mais: a presença deles é uma atração turística, que atrai visitantes e gera divisas para as comunidades. Se o cara-roxa desaparecer, não é só a natureza que sairá perdendo!”, argumenta a bióloga para ilustrar a razão de tantos esforços do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa.

A propriedade com que Tise fala do projeto não é por acaso. Ela se dedica ao papagaio-de-cara-roxa há sete anos. Porém, foi nos dois últimos anos que viu o Projeto ganhar força. “Nada se compara à fase atual, em que, graças ao trabalho de muita gente no passado, estamos colhendo resultados importantes como o conhecimento das rotas de filho-



Os biólogos Roberto Bóçon e Elenise Sipinski recebem o auxílio da pesquisadora voluntária e médica veterinária Patrícia Serafini (ao centro) em atividade de campo do Projeto

tes, as novas descobertas sobre o comportamento da espécie e nos entusiasmando com os números dos censos”. A mesma satisfação é relatada pelo biólogo e ornitólogo (pesquisador de aves) Roberto Bóçon. Ao recordar a trajetória do Projeto, ele se anima. “Arrisco dizer que o Projeto desenvolve atividades além das metas previstas”, diz analisando o volume de trabalho produzido com o tamanho reduzido da equipe – além de Tise e Bóçon, o Projeto é conduzido por Ana Paula Corrazza, bacharel em Turismo, e os estudantes estagiários Rafael de Rivera e Liziane Schlegel, que cursam Biologia. Para os trabalhos de campo, a equipe se amplia com os auxiliares Ivair de Siqueira (morador de Ilha das Peças), Alescar Vicente de Casilha e Antônio da Luz dos Santos – ambos moradores de Ilha Rasa.

Indo além do quadro de seus técnicos, o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa é acolhido com muito orgulho na SPVS. Segundo a coordenadora de Educação Ambiental da instituição, a bióloga Sueli Naomi Ota, o trabalho com o papagaio é uma espécie de “motor” para a entidade. Sueli faz um paralelo do Projeto com o dia-a-dia da SPVS, destacando o envolvimento de estudantes e voluntários. “O cotidiano de

uma organização como a SPVS precisa da motivação das pessoas. É necessário ter mais e mais gente interessada e trabalhando pela causa da conservação da natureza. E o projeto que cuida do papagaio é um bom exemplo que abre as portas para novos ambientalistas”, afirma a educadora ao ter conhecimento sobre o trabalho dos 30 voluntários que ajudam o Projeto. Os voluntários são, na maioria, estudantes que aliam seus estudos a atividades práticas de proteção a uma espécie ameaçada de extinção. Tise, a coordenadora do Projeto, acrescenta também a qualidade do apoio dado pelos voluntários e pesquisadores colaboradores. “Alguns deles estão trazendo informações inovadoras sobre o papagaio-de-cara-roxa, como pesquisa veterinária, genética e comportamento de filhotes nos ninhos. Isso contribui para termos mais dados sobre a ave, o que ajudará a planejarmos melhor os trabalhos do Projeto no futuro”, afirma. “E se depender da vontade desse grupo, o Projeto e o papagaio sempre terão seus guardiões”, conclui.

Apoio do FNMA

O apoio dado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), em 2003, permitiu o desenvolvimento de um novo ciclo para o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa. O financiamento cobre as atividades por dois anos e meio e termina no mês de outubro. O Fundo é um órgão ligado ao Ministério do Meio Ambiente, que financia projetos ambientais com os mais diversos temas em todos os cantos do Brasil. Para conseguir o financiamento, é necessário elaborar e encaminhar o projeto para Brasília, apresentando os argumentos que justificam sua importância e os resultados esperados. Quando a SPVS recebeu o apoio do FNMA, as atividades do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa estavam bastante reduzidas. O apoio do Fundo permitiu muito mais que a retomada das ações do Projeto, resultando em um trabalho mais encorpado e gerador resultados.

Novos apoios

Buscar apoio aos seus projetos é uma rotina comum entre as organizações do terceiro setor. Para a SPVS não é diferente. Constantemente, os técnicos da instituição dedicam parte de seu tempo para elaborar novos projetos e negociar novos apoiadores. Resultado desse esforço, desde janeiro deste ano, a instituição estabeleceu três novas parcerias. A Audi do Brasil, montadora de veículos instalada em São José dos Pinhais – na região de Curitiba – e a Loro Parque Fundación, instituição sediada na Espanha, estão agora ao lado do FNMA para financiar o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa. Um terceiro financiamento veio da Philip Morris Brasil, que tem sede em Curitiba. Este apoio está direcionado para o Projeto de Apoio à Conservação no Entorno do Parque Nacional do Superagüi – trabalho da SPVS que ajuda a complementar suas atividades no litoral norte do Paraná. A soma do apoio recebido dessas três fontes trazem um pouco mais de segurança e expectativas de incremento de resultados para as atividades da SPVS.

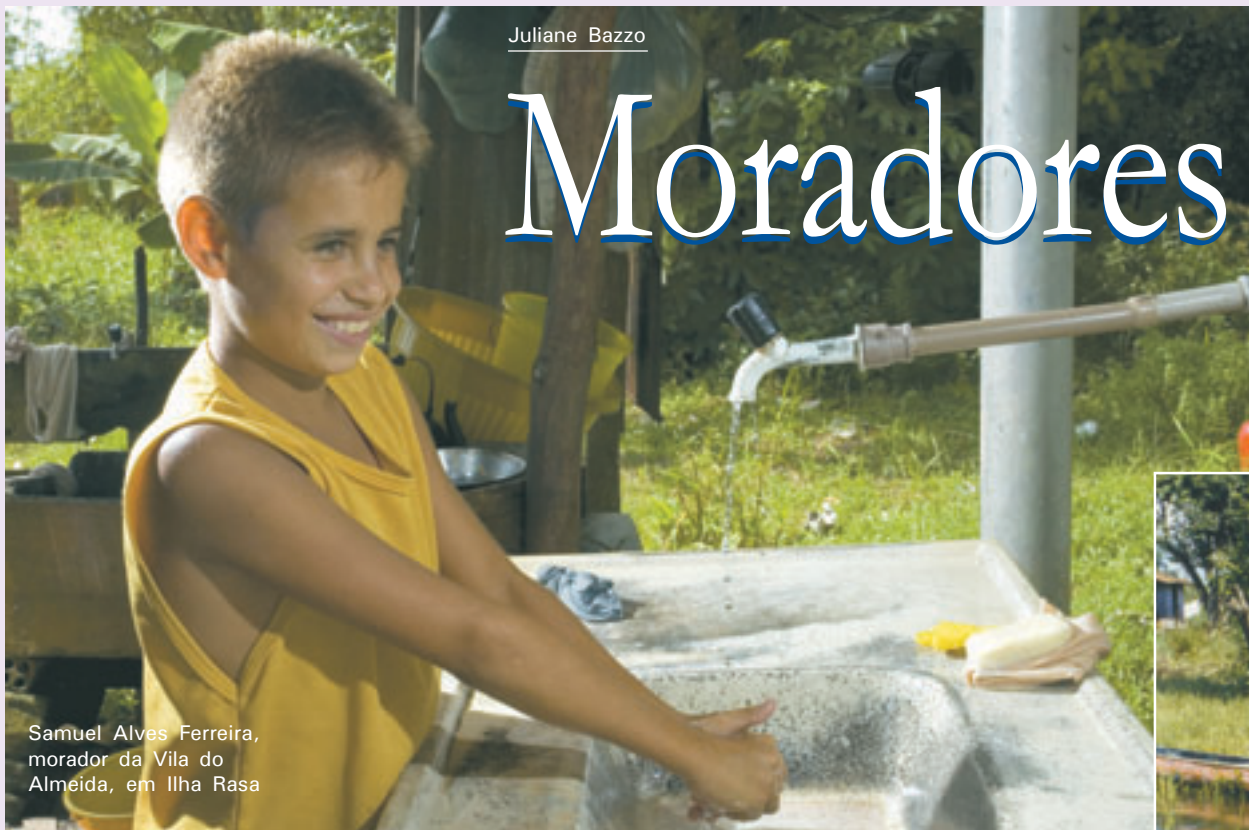
Grupo conhece experiência de ecoturismo



Um grupo de 7 moradores de Vila das Peças foi conhecer o trabalho de ecoturismo desenvolvido na comunidade de Marujá, no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, litoral sul de São Paulo. O trabalho desenvolvido lá é uma referência de atividade turística de base comunitária. A viagem dos paranaenses, no mês de abril, serviu para conhecer as instalações usadas em Marujá e observar aspectos importantes como a proteção de áreas naturais, organização da comunidade para desenvolver a atividade turística, a mobilização para alcançar seus objetivos, a formação de associação de monitores e o atendimento a grupos de visitantes. A visita ao litoral paulista integra os esforços que a SPVS desenvolve para estimular o desenvolvimento do ecoturismo na Vila das Peças (localizada na Ilha das Peças, vizinha ao Parque Nacional do Superagüi), como atividade para gerar renda para a comunidade e, ao mesmo tempo, ajudar a conservar os ambientes da região.

Juliane Bazzo

Moradores recordam a



Samuel Alves Ferreira, morador da Vila do Almeida, em Ilha Rasa

Até chegar às torneiras de nossas casas, a água percorre um longo caminho. Na forma de chuva, chega até as florestas, que ajudam os pingos a se infiltrarem na terra e chegarem ao subsolo. Ali, a água fica armazenada nos chamados lençóis freáticos ou pode 'brotar' naturalmente do chão, formando olhos d'água e pequenos riachos, que irão alcançar os rios. Dos rios, é captada a água que chega às torneiras, por meio de tubulações construídas pelo homem. Desse modo, conseguimos escovar os dentes, lavar louça e roupa, tomar banho, entre outras coisas do dia-a-dia.

Em Ilha Rasa, porém, o trajeto seguido, há cerca de oito anos, não terminava desse jeito: a água potável encanada não existia, o que dificultava a vida dos moradores nas atividades diárias mais simples. "Usavam-se poços também, mas naquela época eu utilizava fonte, porque havia uma perto de casa. Com aquela água – que era avermelhada e menos limpa – a gente lavava roupa, escovava os dentes e tomava banho de bacia. Para beber e fazer comida, íamos buscar em outra fonte mais pura, só que distante, e trazíamos no balde", conta Isabel Barbosa, 64 anos. "Era assim todo dia, seja com muito sol, chuva ou

frio, porque não dava para ficar sem água", completa ela.

A construção de uma rede de água e esgoto, desejo de toda a população, começou a se concretizar no final do ano de 1996. A SPVS, depois de uma longa negociação, conseguiu um recurso financeiro com a fundação *Vitae Apoio à Cultura e Promoção Social*, cujo conselheiro tinha visitado a Ilha Rasa anteriormente e havia se sensibilizado com a situação vivida pela comunidade. A quantia doada correspondia a 50% da necessidade e trazia o desafio de se conseguir entre as fontes locais a outra metade necessária para completar o financiamento. Por isso, foi preciso busca de outras parcerias, que acabaram sendo formalizadas com a Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba, a Sanepar, a Fundação Nacional de Saúde e o Ibama. Esses órgãos colaboraram com apoio técnico, equipamentos e materiais para a instalação do sistema de água e dos banheiros domiciliares.

Um esforço que valeu a pena

A comunidade, por sua vez, foi quem colocou a mão na massa. Mutirões foram organizados, por meio

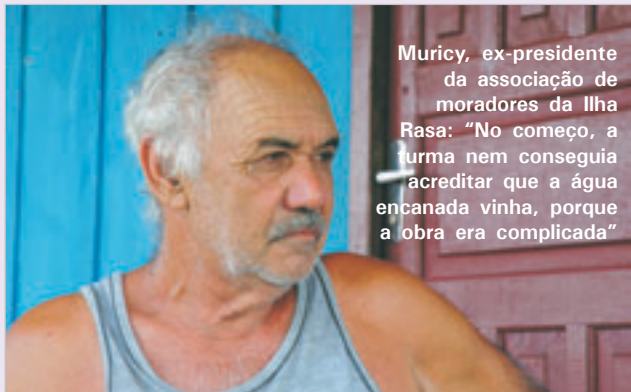


Mutirões para construção do sistema de abastecimento de água: população unida em busca do bem comum

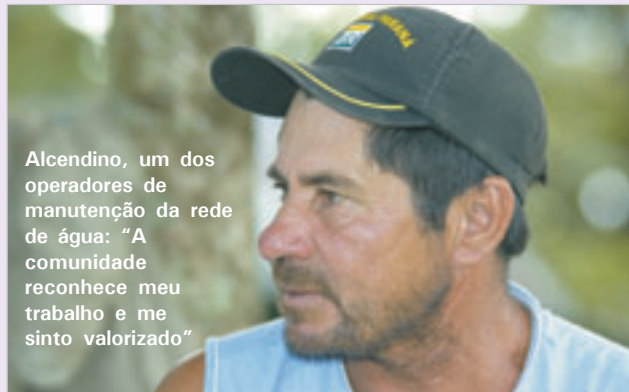
das duas associações de moradores da Ilha Rasa – que, aliás, também surgiram em função das demandas geradas pela chegada da água. De acordo com Muricy Barbosa, 69 anos, foi uma obra difícil. "Eram 50 homens para carregar dois ou três canos no mangue. Mas o maior sofrimento foi levar o cimento, a pedra e todo aquele peso para o morro onde foi feita a barragem", relembra ele, que na época era presidente de uma das associações.

A represa e o reservatório de água foram construídos na Fazenda Caçada, região continental onde está situado o rio escolhido para captação. De lá, segue um cano submerso de mais de 3.000 metros, que abastece a rede instalada na Ilha Rasa. Os moradores trabalharam durante meses, em todas as etapas desse processo, utilizando, inclusive, suas próprias embarcações.

Atualmente, a Fazenda Caçada é de propriedade da SPVS e lá são desenvolvidas ações de conservação e restauração florestal. Em breve, a área deverá ser trans-



Muricy, ex-presidente da associação de moradores da Ilha Rasa: "No começo, a turma nem conseguia acreditar que a água encanada vinha, porque a obra era complicada"



Alcendino, um dos operadores de manutenção da rede de água: "A comunidade reconhece meu trabalho e me sinto valorizado"



Carmem, merendeira, orienta as crianças a economizarem água na escola e afirma: "Dá resultado"

Depoimentos retratam as negociações, o aprendizado e o esforço da comunidade para implantação do sistema de abastecimento

conquista da água

formada em Reserva Particular do Patrimônio Natural – um instrumento da lei brasileira que garante a preservação perpétua do local e, desse modo, assegura para sempre água de qualidade à população de Ilha Rasa.

Mudança de vida

Concluída a implantação da rede de água, foi realizada no dia 20 de dezembro de 1997 uma festa de comemoração na Ilha, com atividades recreativas e educativas, da qual participaram moradores e representantes dos órgãos e instituições que colaboraram na obra. Mas a empreitada não parou por aí. Como a manutenção do sistema de abastecimento foi delegada pela Sanepar à comunidade, as associações de moradores elaboraram e aprovaram um regulamento que, entre outros itens, define a função do operador. “Uma vez por mês, eu e mais um companheiro vamos até a Fazenda Caçada para fazer a limpeza e colocar cloro no reservatório, substância que mata as bactérias. Também reparamos os canos rompidos”, explica Alcendino Pereira, um dos operadores. Segundo ele, o tratamento é feito com cloro em pedra que – diferente do líquido, usado anteriormente – vai dissolvendo aos poucos, garantindo a qualidade da água ao longo do mês.

Hoje, quando questionados sobre os benefícios proporcionados pela água tratada e encanada, os moradores respondem na ponta da língua. “Doenças como verminoses diminuíram muito. A instalação dos banheiros propiciou melhores condições de higiene. Problemas de coluna também são menos comuns, uma vez que já não é mais preciso carregar baldes e baldes d’água”, afirma a agente de saúde Marilza Silva, que trabalha há 18 anos no posto situado na Ponta do Lanço, uma das vilas de Ilha Rasa. “Agora é tudo rápido: a gente levanta, põe a água no fogo, já faz o café, o almoço, com muita facilidade”, diz Carmem Pereira, dona de casa e merendeira na escola de Ponta do Lanço.

Consciente da importância da água, Carmem é uma moradora que não descuida da economia, seja em casa ou no trabalho. “Na escola, na hora da merenda, já aviso as crianças: é para pegar o copo, pôr água e já fechar a torneira; e na hora de lavar a mão, não é para ficar brincando”, conta. “Em casa, o que resta da água que lavo roupa, já aproveito para limpar o banheiro e o pátio”, completa, dando a dica.



Isabel criou dez filhos sem água encanada: “Fralda tinha bastante para lavar e era tudo na bacia”



Ao lado de sua filha, Marilza, agente de saúde em Ilha Rasa há 18 anos: “Com a água encanada e tratada, os casos de verminoses diminuíram muito”

Para sempre na memória

Desde 1994, a SPVS já desenvolvia com a população de Ilha Rasa atividades de sensibilização quanto à saúde preventiva, o saneamento ambiental e a proteção da natureza, no âmbito do Projeto Saúde Comunitária. Em 1997, com a implantação do sistema de abastecimento de água, essas ações se intensificaram, sempre estimulando a participação, mobilização e organização da comunidade durante todo o processo. Confira o que profissionais da SPVS, que trabalharam na Ilha Rasa nesse período, têm para contar.

Para fazer a soldagem do cano submerso que leva a água da Fazenda Caçada até a Ilha Rasa foi contratada, na época, uma empresa de São Paulo, por não existir nenhuma no Paraná que executasse esse tipo de serviço. Uma vez que o trabalho seria realizado no mar, os pescadores haviam avisado qual seria a data mais adequada para a solda, de acordo com a lua e a movimentação das marés. A empresa, no entanto, decidiu realizar o serviço em uma data diferente e os pescadores se negaram a ajudar, porque sabiam que o empreendimento não daria certo. E não deu. Esse fato é uma grande prova de que o conhecimento popular possui muito valor e deve ser respeitado.

Glória Lúcia Santos,
Assistente Social

O pessoal da empresa de São Paulo, então, retornou outro dia para realizar o serviço, seguindo as recomendações da comunidade. Em um mutirão, que reuniu muitas pessoas e barcos, os canos foram alinhados no mar, a soldagem foi realizada e pela primeira vez um jato de água cristalina e pura chegou à Ilha Rasa, por meio do encanamento. Foi emocionante ver o sentimento de alegria de todas as pessoas envolvidas no trabalho.

Marco Aurélio Rodrigues,
o Marquinho, Geógrafo

Além de Glória e Marquinho, entre outros profissionais, também tentou-se localizar Julio Moure e Marta Moure Peña, profissionais que se dedicaram muito à Ilha Rasa e tiveram participação fundamental para levar água até as comunidades.

Hoje, eles moram no México. Durante o período da elaboração dessa reportagem, o Maré de Lua tentou entrar em contato, mas ainda não obteve sucesso.

Ilha Rasa: uma região especial

Ilha Rasa pertence ao município de Guaraqueçaba, litoral norte paranaense. Foi assim denominada por portugueses que navegavam pela região, em busca de ouro, e constataram que a superfície do local era plana e rasa. É composta por quatro vilas – Almeida, Mariana, Ponta do Lanço e Ilha Rasa, esta última de nome igual ao lugar como um todo. Pela proximidade geográfica, as duas primeiras vilas estão reunidas em uma associação de moradores, e as duas últimas em outra.

Ilha Rasa faz parte da porção melhor conservada da Floresta Atlântica Brasileira. Proteger essa riqueza foi uma das preocupações de todos os envolvidos na obra da rede de água. Discutiu-se, por exemplo, a forma mais adequada de se construir e vedar as fossas, de modo que os dejetos não contaminassem o ambiente e acabassem por prejudicar a pesca, principal meio de sustento na região.

Graças à conservação da Floresta Atlântica, a Ilha Rasa pode receber água encanada e de qualidade, vinda de um manancial – nome dado aos rios que abastecem uma população de forma permanente. Se a floresta não estivesse preservada, as fontes de água que ficam no subsolo estariam sem proteção. Além disso, a terra não conseguiria absorver toda a chuva, que acabaria escorrendo em grandes volumes para os rios, provocando inundações.

As florestas das margens dos rios – chamadas de matas ciliares – são ainda mais importantes para a proteção da água. Se retiradas, propiciam a ocorrência de desmoronamentos, cuja terra prejudica os peixes e deixa os rios mais rasos, com menos água. Essa vegetação funciona ainda como filtro, impedindo que resíduos como o lixo sejam levados pela chuva para dentro dos rios.

A figura demonstra a distribuição da água encanada nas Ilhas Rasa e das Peças (Veja reportagem na página 6)



Educadora resgata a história da

água encanada na Ilha das Peças

Juliane Bazzo

Professora de 1ª a 4ª séries, Adriana do Rocio da Graça Martins dos Santos tem 33 anos, nasceu em Paranaguá e mora há 10 anos na Vila das Peças. Formou-se em Normal Superior, pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná (Isulpar). Depois de três anos de estudos, Adriana precisou desenvolver uma ampla pesquisa, chamada de monografia, para poder concluir a faculdade. Ela decidiu estudar um recurso indispensável à nossa vida – a água. Em um dos capítulos do trabalho, a professora resgata a história da água tratada e encanada trazida, em 1997, para comunidades situadas na Ilha das Peças. Em entrevista ao *Maré de Lua*, Adriana conta o que descobriu.

Qual foi o motivo da escolha desse tema de pesquisa?

Optei porque queria estudar algo que fosse parte da realidade do lugar onde vivo. Ao mesmo tempo, tinha como objetivo desenvolver um registro histórico, que não existia, do processo de implantação do sistema de abastecimento de água. Isso é importante porque, com o tempo, as informações acabam se perdendo. Outra preocupação era fazer uma pesquisa que eu pudesse aproveitar em sala de aula e, nesse ano, já realizei atividades com meus alunos utilizando os dados da monografia. Em uma delas, peguei um balde para representar a água dos oceanos, salgada; um copo para a dos pólos, que é doce, mas congelada; e uma tampinha, bem pequena, para demonstrar aquilo que temos disponível para beber. As crianças ficaram realmente impressionadas com a pouca quantidade de água no mundo que é própria para matar a sede.

Como era o cotidiano da população da Vila das Peças antes da instalação da rede de água?

Quando eu cheguei aqui, as pessoas retiravam de poços a água para todas as atividades, que era amarelada e salobra. Os moradores mais antigos usavam fontes, cuja água, dizem, era de melhor qualidade. Banho a gente tomava de bacia; não existiam banheiros. Como havia um poço perto da minha casa, eu não caminhava muito, mas alguns andavam bastante para buscar água e voltavam carregando os baldes na cabeça.



De que forma a água encanada chegou à comunidade?

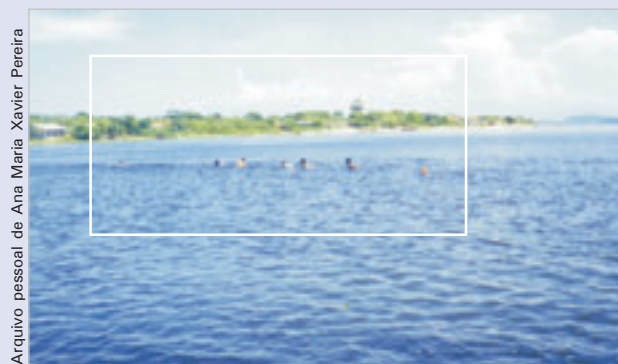
Antes da implantação do sistema atual, existiram algumas tentativas frustradas de melhorar a vida da população. Em 1988, o prefeito de Guaraqueçaba na época construiu, perto da escola da comunidade, uma caixa d'água, conectada por canos a fontes que existiam. Como não havia energia elétrica, o reservatório era abastecido por meio de um motor, ligado em um gerador. Esse sistema não durou mais que 15 dias, porque a capacidade de armazenamento era insuficiente e a água não chegava a todas as casas. Outra tentativa veio em 1994, com a chegada da energia elétrica a partir de um grande gerador, instalado na antiga usina. A água podia ser retirada de lençol subterrâneo com a ajuda de motores, mas o problema era que poucas famílias tinham recursos financeiros para adquirir o equipamento. O sistema de abastecimento atual foi implantado apenas em 1997, uma iniciativa do prefeito da época, em parceria com a Sanepar e a Associação de Moradores da Vila das Peças.

Como foi a instalação da rede de água?

O rio escolhido para a captação está situado no Puruquara, região continental do município de Guaraqueçaba, onde existem várias cachoeiras. Além da Vila das Peças, a rede foi projetada para abastecer outras comunidades da Ilha – Tibicanga, Guapicu e Laranjeiras [*Bertioga já possuía sistema de abastecimento nessa época, bem como uma parte de Tibicanga. A água que chega a essas regiões também já era trazida do Puruquara*]. No projeto aprovado, ficou estabelecido que os pescadores seriam os responsáveis pelo trabalho braçal da obra, organizados em mutirões. Foram eles quem construíram a caixa d'água no morro do Puruquara e instalaram os 30 quilômetros de canos que fazem a rede funcionar. Por todo esse esforço, receberam a água encanada em suas casas. E aqueles que não ajudaram, como os turistas, tiveram que pagar uma taxa de instalação para a associação de moradores.

Você disse que seus alunos colaboraram em sua monografia...

Sim, foram estudantes da 4ª série do ano passado. Eles fizeram entrevistas com moradores da comunidade sobre a vida antes e depois da



Arquivo pessoal de Ana Maria Xavier Pereira

Durante oito meses de mutirões, os pescadores carregaram materiais de construção morro acima, abriram picadas na mata, transportaram encanamentos pelo mangue. Na foto, os homens instalam o encanamento submerso entre o Puruquara e a Ilha das Peças

água encanada. Também construímos juntos estatísticas sobre a quantidade de água gasta nas atividades cotidianas. Fizemos ainda uma estimativa de quantas pessoas são beneficiadas pelo sistema de abastecimento na Vila das Peças. Descobrimos que, na alta temporada, pode chegar a 5.500 pessoas que utilizam a rede, entre moradores e turistas. Em outras épocas, esse número cai para 322 indivíduos, praticamente apenas os nativos. Esse grande fluxo provoca a falta d'água durante o verão, porque a velocidade em que o reservatório no Puruquara enche não acompanha o uso.

Além desse, quais outros problemas a rede de água apresenta atualmente?

Um deles era ocasionado por pessoas que entravam na mata para catar caranguejo. Elas abriam os canos para beber água e interrompiam o abastecimento. Hoje isso não acontece mais, porque foram instaladas torneiras no Puruquara, em pontos estratégicos. Outra dificuldade, quando a maré está baixa, é que voadeiras passam em alta velocidade e acabam cortando os encanamentos. Mas há tempos isso não ocorre. Hoje, acredito que o pessoal já saiba da existência da rede e navegue com mais cuidado pela região.

Como funciona a manutenção do sistema?

Essa é uma tarefa de responsabilidade da própria comunidade. Duas pessoas são remuneradas pela associação de moradores para fazer a limpeza do reservatório, colocar cloro na água e arrumar canos rompidos. ■

“Sempre estímulo meus filhos a fecharem a torneira e o chuveiro quando não estão utilizando a água, tanto que a mais velha já chama a atenção do irmãozinho”, afirma Adriana.

Na foto, a professora acompanhada dos filhos

Arte da cestaria resiste em Medeiros

Mulheres tecem cestos diariamente e mantêm viva a tradição



Dona Edilene: “Aprendi a fazer sozinha, só observando”

Promover a gestão participativa é objetivo do Conselho

A conciliação da proteção do meio ambiente com as atividades de geração de renda é o principal assunto de pauta das reuniões do Conselho da APA de Guaraqueçaba. O Conselho, formado por 32 pessoas, reúne-se a cada mês e tem como finalidade principal promover a administração da região com base na participação de todos. As últimas reuniões, por exemplo, têm tratado de algumas atividades produtivas de interesse das comunidades que vivem na APA. É o caso do cultivo de arroz irrigado. Segundo o responsável do Ibama para a APA de Guaraqueçaba, biólogo Cecil Maya, esse tipo de atividade não é proibida por lei, desde que respeite as orientações de não ocupar áreas de preservação permanente ou interferir nos cursos d’água, por exemplo. “O que estamos fazendo é adequar os plantios existentes à legislação, procurando ajustá-los às áreas onde podem ser praticados, fora daquelas proibidas por lei”, explica o biólogo apontando o caso como exemplo de assunto tratado no Conselho e que concilia o interesse de diversas partes. “Esse é o caminho da gestão participativa”, afirma Cecil.

O representante do Ibama conta, ainda, que todos os moradores da APA estão representados no Conselho, e por isso podem encaminhar sugestões de assuntos para os conselheiros levarem às reuniões. Abrangendo todos os segmentos que atuam na região, o Conselho é formado por representantes de órgãos governamentais, do terceiro setor e também conta com a presença de 10 líderes que representam comunidades que vivem na APA de Guaraqueçaba.

Ao entardecer, um grupo de mulheres chega a Medeiros, depois de horas de trabalho no mato. É sempre assim quando, nas casas, acaba a taquara – matéria-prima para a produção da cestaria. Quando o estoque termina, cerca de vinte mulheres se juntam e caminham aproximadamente uma hora para buscar essa planta semelhante a um bambu. Além de esforço, buscar taquara no mato exige coragem. De acordo com as mulheres, é preciso tomar cuidado e evitar acidentes com cobras, por exemplo.

A cestaria é uma tradição em Medeiros, comunidade com mais de quatro séculos de vida, onde moram cerca de 200 habitantes. “Antigamente, a produção era maior. Com o passar do tempo, muitas pessoas que sabiam tecer foram morrendo. Os mais jovens até se interessam em aprender, mas não têm muita paciência”, explica Edilene José Rodrigues, de 28 anos. Ela é uma das mulheres que mantém viva a arte da cestaria: produz em média seis balaios grandes por dia. “Aprendi a fazer sozinha, só observando. Não é difícil”, conta. Em poucas palavras, Edilene explica o processo de fabricação dos cestos, que requer calma e habilidade: “Depois de cortar a taquara, aliso com a faca e começo a tecer pelo fundo. Vou amarrando uma fibra na outra. No fim, é só colocar as argolas. Se quiser, dá ainda para pintar.”

A taquara é uma planta nativa da Floresta Atlântica. Na natureza, embora não seja considerada uma árvore, ela pode chegar até a 8 metros de altura e tem a importante função de “ocupar” áreas degradadas ou clareiras abertas por árvores caídas. As taquaras servem, ainda, de moradia para alguns animais que vivem na floresta – principalmente roedores. Em algumas regiões, a planta chega até mesmo “emprestar” o seu nome para identificar alguns bichos, como o rato-da-taquara (mamífero também nativo da Floresta Atlântica, mas já desaparecido de muitas regiões, em função da degradação ambiental).

Essa cadeia na qual a taquara se insere ajuda a manter a qualidade de ecossistemas. Em razão disso, a retirada da planta da natureza precisa ser feita com cuidado, de modo a não comprometer sua existência. No

caso de Medeiros, ainda não há esse risco. Mas, o responsável do Ibama para a APA de Guaraqueçaba, biólogo Cecil Maya, lembra que, para evitá-lo, o ideal seria elaborar um plano de manejo para garantir que a taquara continue existindo e, ao mesmo tempo, possa fornecer a matéria-prima do artesanato. Segundo Cecil, esse é um princípio de uso sustentável dos recursos naturais. Ele recorre à legislação, para argumentar que é possível conservar e explorar: “o Decreto 750, de 1993, que restringe várias atividades com a finalidade de proteger o pouco que resta da Mata Atlântica no Brasil, permite a extração de algumas



Com a produção da cestaria, as mulheres incrementam a renda familiar

espécies, desde que não promova seu desaparecimento”. O biólogo sugere, ainda, um outro caminho que a comunidade poderia tomar. “Esse caso do artesanato com taquara é um bom assunto para ser debatido nas reuniões do Conselho da APA, como prática de alternativa de geração de renda que pode ser compatível com a conservação da natureza”, argumenta.

Além de bonita, a cestaria de Medeiros tem outras qualidades que podem atrair compradores. Os balaios são usados de diversas formas: nos maiores, pode-se colocar roupas ou louças e nos menores, grampos. Hoje, os cestos fabricados pelas mulheres são levados a um revendedor em Paranaguá, que paga R\$20,00 pela dúzia de cestos grandes. “Esse dinheiro ajuda muito nas despesas da casa”, afirma Edilene José Rodrigues, que tem o desejo de ensinar às filhas, quando crescerem, a arte de produzir cestos. ■

Juliane Bazzo

Grupos de teatro do município demonstram amadurecimento e apresentam as novidades para esse ano

Guaraqueçaba em primeiro lugar

Em 23 de junho de 2005, o *Pirão do Mesmo*, grupo de teatro formado por crianças e jovens de Guaraqueçaba, faz aniversário. Após menos de 20 dias de ensaios – há exatos 12 anos – a companhia conquistou nessa data a terceira colocação na 1ª Mostra de Teatro do Litoral. *Os Saltimbanco*s, montagem italiana adaptada por Chico Buarque, foi a peça apresentada. “Costumava utilizar o teatro como ferramenta de ensino na escola. Uma de minhas turmas se encantou e decidiu continuar. Assim nasceu o *Pirão do Mesmo*”, conta Wilson de Souza, o Negrola, professor de Guaraqueçaba e líder do grupo.

Apesar das dificuldades enfrentadas, especialmente no início, no que diz respeito a apoios permanentes para a manutenção de sua estrutura, o *Pirão do Mesmo* já colaborou na formação de mais de 350 jovens da região e realizou cerca de 500 apresentações, em diferentes cidades. Agora, está se transformando em uma associação. “Desse modo, será mais fácil conseguir recursos para manter o grupo e realizar outras atividades culturais, esportivas e relacionadas ao meio ambiente”, explica o presidente da associação e pai de um dos atores, José Teófilo Lo-

pes, o Zito. “É uma forma de dar continuidade a uma iniciativa que vai além do teatro, ao difundir a importância da responsabilidade, da ética e do trabalho em equipe”, completa Negrola.

De acordo com Zito, a ideia é construir uma sede, que funcione como um centro cultural. Para isso, a associação está, no momento, em busca de sócios que possam colaborar com recursos materiais e financeiros. Atualmente, o *Pirão do Mesmo* se reúne em um espaço da PUC-PR, instituição que, ao longo da trajetória do grupo, atuou como parceira, ao lado da UFPR, da Fundação Cultural de Curitiba, da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, da Fundação O Boticário, da SPVS, entre outras.

Novo espetáculo

O impulso dado pelo *Pirão do Mesmo* propiciou o surgimento de outro grupo de destaque em Guaraqueçaba, o *Mamulengo Fâmulos de Bonifrates*, especializado na arte de animar bonecos. “A ideia original de nosso trabalho – aliar bonecos e a cultura popular do litoral no teatro – surgiu a partir de um curso promovido pela SPVS, em 1999, ministrado pelo arte-educador Itaércio Rocha”, conta o integrante Eduardo Schotten, 19 anos, hoje aluno de Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

Cinco anos depois, em abril de 2004, Rocha foi convidado pelo grupo a realizar um novo curso, promovido novamente pela SPVS, cujo resultado é o espetáculo *Auto de Guaraqueçaba*, uma criação coletiva, fruto de um ano de trabalho. A peça gira em torno das aventuras vividas por animais da floresta para resgatar uma papagaia-de-cara-roxa, sequestrada na festa de seu casamento. “É uma espetáculo de rua, com bonecos gigantes, que reúne dança, música, canto e interpretação, uma união de linguagens próprias da cultura popular”, relata o arte-educador. “Não é uma simples peça: o teatro possibilita que as pessoas reflitam sobre a importância da proteção ao meio ambiente e, por isso, é muitas vezes mais eficaz que palestras sobre o assunto”, apontam as no-



Integrantes do *Pirão do Mesmo*, acompanhados por seu líder, Negrola (na ponta, à direita), e pelo presidente da associação do grupo, Zito (na ponta à esquerda). Abaixo, a mais nova atriz do *Pirão*, Sara Martins, de 6 anos



vas integrantes Maria Cecília Martins (18), Lorena Sebastião (18) e Vanessa Patrício (16). Elas se juntaram ao *Fâmulos de Bonifrates* a partir da realização do curso em 2004, do qual jovens de todo o município de Guaraqueçaba foram convidados a participar.

Entre março e abril desse ano, o *Auto de Guaraqueçaba* foi apresentado em várias regiões do litoral paranaense, em Curitiba e no município da Lapa. Os integrantes mais antigos do *Fâmulos* estão pra lá de satisfeitos. “É muito gratificante perceber que um pessoal novo, com empolgação e seriedade, está interessado em dar continuidade a essa iniciativa conosco”, diz Marcelo Mendonça, 18 anos. “Hoje, muitos jovens acabam se juntando a nós como forma de ser um diferencial, numa sociedade em que a juventude está praticamente esquecida pelos poderes competentes”, afirma José Carlos Muniz, 22 anos, estudante de História na Universidade Estadual do Paraná, em Paranaguá.

SERVIÇO: Mais informações sobre o *Mamulengo Fâmulos de Bonifrates* podem ser obtidas pelo (41) 9623-6796 (Eduardo) ou (41) 8416-3265 (José Carlos). O contato com o *Pirão do Mesmo* e com a associação do grupo pode ser feito pelo (41) 9618-4459 (Negrola) ou (41) 3482-1285 (Zito)



Integrantes do *Mamulengo Fâmulos de Bonifrates* com o arte-educador Itaércio Rocha (centro)



Abaixo, a apresentação do *Auto de Guaraqueçaba* na Ilha do Mel